

O Meio não é a Mensagem, mas diz dela, pior.¹

Maria Teodora de Barros Oliveira

O título desse trabalho é derivado de um capítulo do livro do comunicador canadense Marshal McLuhan², escrito na década de 60. Depois de ter esboçado idéias para o texto que aqui trago, e ainda pensando no título, ocorreu-me que desde o início pensara na conjunção da forma com o conteúdo em Lacan, ou seja, a forma como desenvolveu conceitos em seu seminário revela-se afim com o conteúdo do qual fala. Em sua fala é comum o jogo com as palavras apontando para a existência de um Real que passa pelo discurso, enfatizando o desmonte do discurso para que o Real se revele, o que evoca algo da própria escrita de Joyce. Daí, que antes de definir o título deste trabalho, ocorrera-me, por associação, o mesmo título do capítulo de McLuhan: *O Meio é a Mensagem*. Pois estava pensando na enunciação contida no enunciado, no som dos fonemas ou da palavra subjacentes à letra na sua singular estruturação, meio de materialidade do inconsciente manifesto através da linguagem e estruturado como ela, e conseqüentemente o meio sendo a própria mensagem. Ocorreu-me em seguida outro pensamento, o da insuficiência da palavra (e do próprio pensamento), de que ela, sendo o meio, não é a mensagem, mas o que se pode dizer dela, *disso*, da verdade, mas se diz pior, sendo impossível dizê-la, senão pior.

Há um lugar no seminário de Lacan³, na lição de 22 de janeiro de 1964, onde ele diz que sempre se esforçou a re-valorizar a fala entre os praticantes da Psicanálise. Trabalhava para que as palavras não fossem desvalorizadas pelo analista, donde suas referências à filosofia da linguagem, com um caráter propedêutico. Mas o que o impelia à fala sobre essa filosofia da linguagem era o tratar dos conceitos, pois observava haver uma recusa dos conceitos psicanalíticos. Aliás, tecla que ele bateu desde o seminário sobre os escritos técnicos de Freud.

Dessa maneira passa a falar da concepção de “conceito”, e aplica essa concepção desenvolvendo os quatro conceitos freudianos principais.

¹ VII Jornada de Estudos do **Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise**- 30/05/2003

² MCLUHAN, Marshal. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo; Cultrix, 1964.

³ LACAN, J. “O Seminário.” Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. 1964. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

Anotei o que concebe por conceito por me indicar sua coerência naquilo a que me refiro logo no primeiro parágrafo, ou seja, desenvolvendo essa concepção, ela evoca em mim sua própria forma em que é dita, cheia de ritornelos, barroca, tentando se aproximar de uma realidade, e tem a ver com o próprio tema e o desenvolvimento desse tema no seminário de 1971/1972, *...Ou Pire*⁴, que iniciei sua leitura. Na exposição do dia 22 de janeiro de 1964, ele diz que o conceito implica ser “*sempre estabelecido numa aproximação que não deixa de ter relação com o que o cálculo infinitesimal impõe, como forma. [...] se o conceito se modela por uma aproximação da realidade que ele foi feito para apreender, só por salto, por uma passagem ao limite, é que ele chega a se realizar*”. E que, conseqüentemente, o desenvolvimento que faria dos conceitos seria sob forma de quantidade finita. Isto, aliás, me remete a outro dito dele, de que seus *Escritos* não eram para serem entendidos, mas para produzirem ato, que, a mim, parecem acontecerem também, como num salto, passando ao limite, do qual talvez só se possa dizer dele, pior.

No seminário de 1971⁵, do dia 09 de junho, no qual busquei elucidar sua assertiva *não há relação sexual*, Lacan diz “*não há discurso senão do semblant, e que o semblant não se enuncia senão a partir da verdade*”; e para que se faça ouvir, a verdade, basta que se fale. Mas o que a verdade diz é o *semblant* sobre o gozo. “*Falar quer dizer a divisão sem remédio do gozo e do semblant.*” “[...] *A linguagem, em sua função de existente, [...] não conota, em última análise, senão a impossibilidade de simbolizar a relação sexual nos seres que a habitam*”; sujeitos, pois, e que a habitam “*em razão do fato que é desse habitat que eles têm a palavra*”.(Grifo meu)

Logo nas cinco primeiras páginas de *...Ou Pire*, Lacan faz uso da lógica para explicar o lugar vazio na linguagem, dizendo que esse lugar vazio é uma condição para que ela, linguagem, diga alguma coisa. Lança mão da noção de variável que a lógica aristotélica produziu, e essa variável é o que introduz uma não equivalência no que é considerado verdadeiro entre os objetos visados - não havendo, pois, uma correspondência, onde deveria haver, para ser verdadeiro. Mas Lacan vai dizer que essa noção é de variável *aparente*, ou seja, variável que não varia, portanto, variável fictícia. Exemplifica, chamando essa

⁴ LACAN, J. Seminário. *...Ou Pior*. 1971/1972. Lição de 8/12/1971. Tradução para uso interno nos grupos de estudo do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.

⁵ LACAN, J. *O Seminário*. De um Discurso que não seria do Semblante. Lição de 9 de junho de 1971. Publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife.

variável aparente de x , esse x sendo o que marca sempre um lugar vazio na linguagem, mas um lugar vazio que se refere a alguma coisa, com a condição de que em todos os lugares vazios se coloque esse mesmo x , que entendo como o mesmo significante para um sujeito, sendo a única maneira pela qual a linguagem chega a alguma coisa. Por essa razão, nessa fórmula ele expressa que não há metalinguagem, uma vez que o significante não varia, mas é uma variável aparente, fictícia. Ora, reconhece e argumenta que isso é um paradoxo, pois é a partir da linguagem que afirma não haver metalinguagem. Então sendo necessário que a metalinguagem seja engendrada no interior do discurso, como uma ficção, quando se tratar de lógica. Por conseguinte, no interior do discurso se cria a linguagem-objeto, ficção; portanto, ele está chamando a metalinguagem de linguagem-objeto ou ficção, sendo a linguagem que se torna meta, sendo por esse meio que entende o discurso comum que bordejia o Real, que tenta apreender alguma coisa do Real. Mas não haverá equivalência de verdade com o que for apreendido do discurso, pois há uma variável aparente, o x , um significante. Tratando-se de lógica, vê a metalinguagem como uma elaboração fictícia necessária. Lacan, aqui, provavelmente tenha se referido ao fictício no sentido definido por Jeremy Bentham à entidade fictícia, em sua *Teoria das Ficções*,⁶ pois já o citara antes no seminário *A Ética da Psicanálise*. Para Bentham, “*uma entidade fictícia é uma entidade a qual, pela forma gramatical do discurso empregado, quando falamos, falamos dela, a existência é imputada, mas que na verdade e em realidade esta existência não lhe é verdadeiramente imputada. [...] é um objeto para o qual a existência é simulada [...] finta pela imaginação com o propósito de ser falada, e só o é pela realidade de sua enunciação (da palavra)*”(p.28).⁷

Então, retornando ao ... *Ou Pire*, Lacan diz que “*no interior do discurso se forja uma linguagem-objeto*”, ficção, sendo por esse meio que se entende o discurso comum, sem o qual se torna impossível estabelecer essa divisão entre metalinguagem e linguagem. Podemos pensar no discurso do analisando aí, no enunciado e na enunciação, numa linguagem subjacente à fala, no falar *disso*, de algo, sempre singular, e daí o lugar vazio

⁶ Cf. MICHAUT, Gerard. *A teoria das Ficções de Jeremy Bentham*. AFI. Tradução de Alduísio Moreira de Souza para uso restrito de estudos internos da CCGR. POA. RS.

⁷ Para Perin, opus cit. A finta em inglês quer dizer “simulada”, mas podemos traduzi-la por “criada”. Conforme nota do tradutor, psicanalista Alduísio Moreira de Souza, a finta é o drible, simular ir, jogar ou fazer, cujo objetivo imediato é a própria e sua consequência depende do que está em jogo. Pode também ser tomada como ginga.

apontado pelas reticências do título do seminário, do qual se diz dele, pior. A fala sendo um fio que o neurótico enoda ao redor desse lugar vazio da fórmula, significante fruto da castração. Jean Perin⁸ coloca esse “ficticius” ao lado do simbólico, não querendo dizer ilusório, nem mesmo enganador. É duma verdade “*fintada pela imaginação com o propósito de ser falada e só o é pela realidade de sua enunciação*”.

Esse dizer *disso* se expressa, vai dizer Lacan, na proposição “*não há relação sexual*”. Ele propõe essa assertiva como verdade, e aponta que como verdade não pode se dizer toda, mas se meio-dizer; ou seja, ele não está falando da diferença sexual anatômica, mas *disso*, da própria relação, da impossibilidade de haver um significante que represente aí um sujeito para outro significante como verdade inteira.

É em decorrência dessa impossibilidade de se representar um significante, de haver um significante que represente aí um sujeito para outro significante numa correspondência total da verdade, que o meio, que carrega a mensagem, não é a mensagem, mas diz dela, pior.

Dessa maneira é que passei a questionar o título inicial a que me havia proposto sobre este texto que aqui trago, *O Meio é a Mensagem*, que me enviava a ouvir no som da palavra a própria mensagem, toda, inteira, para *O Meio não é a Mensagem, mas diz dela, pior*. Pois a letra orbita em volta dela, tenta, como num conceito, se aproximar da verdade, só sendo possível apreender a mensagem/verdade limitadamente.

Com base na lógica aristotélica do *Organon*, orbitando em torno do Todo e Algum, demonstra Lacan que na afirmação do Todo há nele a existência do Não-Todo, o Não-Todo submetido à lei fálica, para então discorrer que num discurso há um Real que nele passa, donde ele se origina.

⁸ PERIN, Jean. *Real e Simbólico em Jeremy Bentham*. Tradução de Alduísio Moreira de Souza para uso restrito de estudos internos da CCGR. POA . RS.